

DOS “ERROS” DE SÓFOCLES AOS INDÍCIOS CONCRETOS DO “CASO” ÉDIPO

Kathrin Holzermayr Rosenfield
[UFRGS]

ABSTRACT

This article deals with the specific status of oracular knowledge in Oedipus Rex. Different from Antigone, Sophocles seems to withdraw most of the divine aspects from Tiresias' wisdom, which thus drifts towards Oedipus' empirical knowledge. The seer appears to have his place within the power structures of the Theban palace, whose members relentlessly keep the secrets of the unspeakable deeds which occurred in the past. Our reading highlights the ironic treatment of human strategies in this tragedy of Sophocles' maturity.

Keywords: Oedipus rex, oracle, memory and forgetfulness, empirical observation.

O ENIGMA DE TIRÉSIAS

Tirésias, o vidente dos oráculos de Apolo, recebeu de Hölderlin o epíteto de “guardião das potências da natureza” e de detentor da “palavra sagrada”¹. Estes atributos têm sua evidência em *Antígona*, onde os vaticínios procuram restabelecer a ordem dos vivos e dos mortos (o ritual ígneo exige o sepultamento que devolve a coisa morta ao espaço debaixo da terra). Em *Édipo Rei*, ao contrário, a entrada em cena do vidente de Tebas concentra uma série de enigmas que obrigam a modificar a visão das relações entre o sagrado, o

1. Cf. *Oedipus der Tyrann*, in: Friedrich Hölderlin, *Sämtliche Werke*, Frankfurter Ausgabe, vol. 16, Stromfeld/Roter Stern, 1988. A sigla AOe remete às *Anmerkungen zum Oedipus* nesta edição, pp. 249-258, a sigla H indica a numeração da tradução hölderliniana do texto de Sófocles, a sigla Bl a da tradução de *Oedipe Roi*, trad. Paul Mazon, Paris, Les Belles Lettres, 1985.

humano e a natureza. Abordemos esta questão a partir da enigmática entrada em cena do vidente, interrogando seus modos de falar e agir tanto quanto os conteúdos explícitos de suas falas. Por que o vate demora a atender o chamado do rei? Por que ele o atende apesar de não estar disposto a elucidar os enigmas? Por que ele se expõe pela presença física quando tudo mostra que ele retém o que sabe e como soube? Já as primeiras palavras são enigmáticas, formulações feitas para não serem compreendidas e que expressam tão somente a vontade de calar, esquecer e enterrar os fatos do passado que Édipo procura investigar (BI 316, H 320):

“Como é terrível entender (*phroneîn*, pensar, saber) onde isto não oferece saída a quem entendeu/reconheceu. Isto, eu o sabia e/mas eu o esqueci [ao vir aqui].”

Sófocles é um mestre da ironia trágica, domina como ninguém a mobilidade dos signos aparentemente evidentes. Em *Antígona*, ele introduziu uma noiva, sem explicitar seu estatuto jurídico, social e religioso. Nada explica como uma moça que carrega os estigmas de terríveis miasmas tornou-se a noiva de um príncipe tebano, justamente no momento em que o pai deste assume o comando da cidade. Em *Édipo Rei*, Tirésias reluta em assumir seu papel de vate e adquire feições bastante distintas daquelas que tivera na peça anterior. Sua atuação é muito mais próxima das ações dos comuns dos mortais do que do ofício oracular. Com efeito, a representação do saber mântico nesta tragédia sofre uma guinada. Mas esta se manifesta de modo oculto, irrompendo em certas incoerências que parecem tornar precária a verossimilhança do enredo lendário.

Charles Segal considera que o enredo da peça contém “vários erros” (ele lista oito²), mas perdoa estas incoerências como preço a pagar pelos efeitos

2. Charles Segal, *Oedipus Tyrannus, Tragic Heroism and the Limits of Knowledge*, Oxford University Press, 2001, pp. 55-6: O enredo de Sófocles tem alguns erros que temos que registrar com franqueza. Para atingir seus efeitos dramáticos ele teve que pagar um certo preço à verossimilhança. Temos que aceitar que Jocasta nunca antes discutiu com Édipo, a criança que expôs com Laio, que Édipo nunca mencionou o encontro na encruzilhada, que nenhum dos dois jamais falou das cicatrizes dos seus pés, que a única testemunha no assassinato de Laio por Édipo era também o pastor que recebeu a criança a ser exposta, que o mensageiro de Corinto que anuncia a morte de Políbio recebeu esta criança do pastor. Críticos também objetaram ao fato de que um homem com a inteligência de Édipo demore tanto para juntar os fatos que revelam a verdade, em particular depois que Tirésias lhe contou que ele era o assassino. Escritores modernos, de Corneille a Cocteau, refizeram o enredo para responder a estas questões.

Também temos que aceitar os seguintes fatos: que o único sobrevivente e testemunha simplesmente mentiu sobre o número dos agressores (118-9) e que Édipo se engana ao pensar que ele matou “todos” os homens do séquito de Laio (813). E temos que admitir que Sófocles deixou vago o prazo de tempo que se passou entre a matança de Laio e o retorno da testemunha, que encontra Édipo já empossado como rei (758-62). Neste intervalo não especificado, Édipo conseguiu matar a Esfinge, desposar Jocasta e foi instaurado como rei de Tebas.

dramáticos que não respondem às exigências do realismo romanesco (“uma peça não é um romance”, p. 56). Neste mesmo contexto, ele comentará também o estranho “silêncio de Tirésias”³, não sem antes levantar a questão do alcance dos poderes proféticos do vate de Tebas:

“Os poderes proféticos de Tirésias também levantam algumas questões. Se ele possui todo este saber antecipado, por que ele não interveio para impedir o casamento de Édipo e de Jocasta? Por que ele não soube responder ele mesmo aos enigmas da Esfinge e por que ele esperou tantos anos para declarar que Édipo matou Laio? O próprio Édipo levanta estas questões (v. 390-98, 558-68) e elas nunca são explicitamente respondidas.”⁴

É bem verdade que estas questões nunca foram respondidas por Creonte. No entanto, Sófocles tomou o cuidado de dar as pistas para possíveis respostas pela própria boca de Tirésias. Este explicita, com efeito (H 444, Bl 438), que as revelações viriam do dia/tempo que se encarregará de “conceber e destruir” o herói. O silêncio de Tirésias preenche, conseqüentemente, um papel específico: o de salientar de modo doloroso a errância – a lenta aquisição do saber humano no tempo. A Necessidade manifesta-se estritamente segundo o ritmo temporal e as possibilidades da experiência humana – não pela irrupção de uma proclamação divina.

Isto, entretanto, não é o que os tebanos esperam do vidente. Não é de se surpreender que o herói, após várias guinadas do vate que persiste no seu silêncio, suspeito de um complô, e pense que o vate estaria usando indevidamente sua arte (como arдил) para torcer o oráculo (a verdadeira arte da vidência⁵). A mesma indignação vem à tona mais uma vez no final do diálogo, onde Édipo mostra a amargura de ter sido rechaçado “com enigmas obscuros” (H 445, Bl 439) no seu esforço de esclarecer os miasmas de Tebas e de purificar a cidade. Novamente, a queixa de que Tirésias fala em enigmas expressa a acusação de que o vate está escondendo fatos, atos e intenções relevantes para o bem-estar da *pólis* flagelada. Antes de concluirmos que as suspeitas iradas de Édipo mostram sinais de desmedida tirânica⁶, sugerimos que se olhe a construção da verossimilhança desta cena. Sófocles a construiu realmente como uma charada para uma história de detetive, espalhando nas frases e palavras anódinas (na situação presente) significações falantes do passado ocultado.

Como já mencionado, a frase inicial “Como é terrível saber/entender...”, suscita, de imediato a pergunta: O que Tirésias sabia? É obvio – a própria tragédia o revela – que Tirésias já sabe quem é Édipo. Mas o texto não diz

3. *Ibid.*, p. 57.

4. *Ibid.*, p. 56.

5. “Ó riqueza, poder, arte superando a arte na vida repleta de rivalidades!” (H 384-5, Bl 376). Édipo denuncia a arte de Tirésias como “ardil” que falsifica a verdadeira arte da vidência.

6. Cf., entre outros autores, Ch. Segal, *loc. cit.*, pp. 54 e 84 s..

explicitamente quando e como ele soube. Desde a chegada de Édipo em Tebas, desde o flagelo da peste, ou neste momento presente? Nada indica – muito pelo contrário – que ele tenha ficado sabendo por inspiração divina ou através de algum ritual profético (como foi o caso do Tirésias da *Antígona*). Considerando a total ausência de indicações neste sentido, o leitor mais atento chega à conclusão de que o saber do vate se baseia principalmente no seu sentido de observação. Suas próprias palavras explicitam, aliás, o fato que seu conhecimento surgiu de fenômenos terrenos, não de signos celestiais. Quando Édipo indaga, com ironia, quem nutre/fornece a verdade segundo a qual Édipo seria o próprio miasma de Tebas, o vate responde:

“[Eu soube] de ti. Tu me fizeste falar (*légein*, montar a charada).” (BL 358, H 361⁷)

A fonte da sabedoria do vate, ao que parece, não são os sinais divinos. É a própria pessoa de Édipo que lhe forneceu informações. Neste contexto, *proutrépsō légein* não significa simplesmente que o rei obrigou o vate a falar, ainda mais que Tirésias não se deixou obrigar a fornecer todos os seus saberes – nem os que ele recebeu (ou não recebeu) dos céus, nem o que ele deduziu de fatos e experiências terrenos. Édipo solicitou, logo na saudação inicial (H 305-6), todos os tipos de conhecimento: intuições divinas como induções de cidadãos ou promotores humanos. Neste contexto, cabe mencionar que o verbo grego *légein* significa em primeiro lugar “reunir”, ler e compreender signos ou letras. O verbo aparece em combinações bastante concretas, por exemplo, “juntar ossinhos” (listado num dicionário corrente⁸). A resposta de Tirésias significa, portanto: “Tu, Édipo, me ensinaste a juntar os signos [do presente com os do passado]”. Além disto, os usos registrados nos dicionários criam uma ponte verbal (fantasmática) com os ossos. Um leitor com senso de ironia e entregue a uma atenção mais flutuante, não teria dificuldade em estabelecer o elo (associativo, poético) que leva dos signos aos rastros e aos ossos. O leitor de hoje seria, assim, levado a pensar em “esqueletos no armário”, expressão essa que, no uso idiomático moderno, designa os silêncios e esquecimentos estratégicos com os quais escondemos crimes do passado. Nesta cadeia de associações, o silêncio do vate corresponde a uma reticência de “tirar esqueletos do armário”.

Não é impossível pensar que Tirésias provavelmente reconheceu Édipo desde sua chegada em Tebas. Havia as marcas dos pés, capazes de suscitar as primeiras suspeitas e, no momento do retorno da única testemunha do assassinato de Laio, o estranho comportamento do velho servidor. Seu medo e a pressa para afastar-se do palácio do novo rei mostraram claramente que

7. Comentaremos, adiante, a relação semântica entre *légein* e *synékho*, reunir-se em um ponto, compreender ao juntar o quebra-cabeça; cf. BL 360.

8. Cf. A. Bailly, *Dictionnaire Grec – Français*, Paris, Hachette, 1950, verbete *légo*, I.

havia algo estranho que impedia o velho escravo de Laio de servir o novo rei. O rápido afastamento concedido pela rainha antes de qualquer conclusão ponderada sobre a morte de Laio e sem investigação regular do ocorrido liquidou um crime que deveria ser a questão principal do Estado. Jocasta aceita uma vaga explicação segundo a qual teria ocorrido um assalto perpetrado por vários bandidos e a morte de Laio transforma-se em história de ouvir-dizer que todos desejam esquecer. Neste contexto, não é inócuo que a palavra *phátis* oscile entre oráculo e as coisas faladas pela boca do povo⁹.

Observa-se, portanto, uma tendência nítida de profanar (no sentido blasfematório) os assuntos mais sagrados do Estado na negligência da apuração. Ela deixa pairar no ar uma série de perguntas: a conivência de Jocasta com o desejo do servidor de Laio fora espontânea, aprovada por Creonte ou induzida por conselhos do vate? Seja como for, tudo indica que existia uma indiferença coletiva da corte que impediu a apuração do assassinato. Havia um impedimento obscuro que a vedava, mesmo após a liberação da Esfinge. A corte de Tebas não estava disposta a defrontar-se com as verdadeiras causas da morte de Laio, como se uma apuração pudesse confirmar suspeitas obscuras. Sófocles deixa nebulosos os fatos anteriores ao drama, não explicita qual seria o nexos entre a consulta delfica de Laio e o flagelo da Esfinge e, assim, reproduz, na imaginação do leitor, o mesmo magma de suspeitas vagas que devem ter agitado os cidadãos de Tebas.

O SILÊNCIO DOS TEBANOS E OS FATOS “ESQUECIDOS” DO PASSADO

Em todo caso, a nebulosa de silêncios e esquecimentos quanto aos fatos sugere que todos sabem muito mais do que dizem, apagando – na própria consciência e para a investigação do herói – os rastros do passado. Como os habitantes do palácio, também Tirésias faz parte de uma constelação factual, oriunda de vivências dolorosas. Neste contexto, sua exclamação “Como é ruim entender...” adquire um sentido gnômico, tornando-se algo como uma sentença universalmente válida. Neste registro, o vate não fala somente do saber que diz respeito à identidade do herói, mas da inutilidade do saber finito em geral:

9. Charles Segal, *La musique du Sphinx*, Paris, Éditions la découverte, p. 109, assinalou que este termo que designa rumor, palavra espalhada pela boca do povo, significa também “profecia” (nos versos 151, 310, 323, 1440, cf. 495). Comentando o uso do termo por Jocasta, Segal conclui que a rainha, “mesmo combatendo a verdade do oráculo, afirma assim sua estranha verdade. (...) Os rumores públicos são, ao mesmo tempo uma só e mesma coisa com o oráculo privado da casa de Laio.” Cf. também, Charles Segal, *Oedipus Tyrannus*. *loc. cit.*

Num outro contexto, Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, Tübingen, Niemeyer, 1984, retoma a questão do vínculo ontológico que liga a aparência dos rumores com a essência verídica das falas (cf. # 37, pp. 165-170 ‘Das Gerede’, chacotas e rumores).

da impossibilidade de lidarmos com o que sabemos, da relutância que nós temos em reconhecer todas as dimensões (os elos semânticos múltiplos) daquilo que sabemos. Em geral, Sófocles forra os fatos e acontecimentos pontuais da sua trama com significações mais amplas que ultrapassam o sentido pontual e que requerem leituras transversais do texto.

Envolto em formulações obscuras, o vate proclama, na verdade, simplesmente as máximas da sua longa experiência terrena, ele proclama a sabedoria das coisas vistas e ouvidas – à revelia das expectativas do herói e do Coro. Ironicamente, os anciãos de Tebas preferem descartar as informações corriqueiras do ouvir-falar e censuram na própria memória os males do passado. Um pouco antes da entrada em cena de Tirésias, o Coro saudou com muita esperança a iniciativa de Édipo que enviou um mensageiro para chamar o vidente. Parece apostar tudo nas revelações do vate e, mais do que isto, parece desconsiderar explicitamente os sinais que sustentam o conhecimento humano. Édipo apostava precisamente nestes pequenos signos desconsiderados no passado e que ele pretende recolher dos relatos fornecidos por Creonte e por outras testemunhas que ele ainda deseja interrogar. Os anciãos esperam signos divinos, ao passo que o rei solicita não somente vaticínios, mas também os conhecimentos gerais do homem experiente que viu muitas coisas ao longo do tempo:

“Ô Tirésias que tudo pensas¹⁰, o que é dito,
o inominável também, o celestial e aquilo que ocorre na terra.” (H
304-5, BI 300-1)

Além de solicitar o saber das coisas divinas (observadas no vôo dos pássaros), ele exorta também a sabedoria que deduzimos da experiência terrena (*chthonostibé*). Édipo encara Tirésias simultaneamente como cidadão e como profeta. Nisto, seu procedimento distingue-se do Coro que rechaça o saber informal do ouvir-falar e espera a lucidez tão somente do vaticínio de Tirésias: “O resto são palavras velhas e obtusas” dizem os anciãos (H 294). Ao que parece, tudo o que se ouviu ou viu do crime contra Laio suscita por parte do Coro certa repugnância e esquecimento, por parte dos habitantes do palácio, reticências, ceticismo e lacunas de memória.

Paradoxalmente, entretanto, Tirésias entra em cena frustrando precisamente as expectativas de revelação profética. Não somente fala ele de um saber-avaliar (*phroneîn*) que caracteriza o cidadão responsável, mas, nas quatro afirmações seguintes ele salienta que seu desejo é manter as coisas como estão e que Édipo deveria juntar-se a ele neste esforço renunciando a conhecer o que ele, Tirésias, sabe. Vejamos as quatro respostas com as quais rechaça as exortações de Édipo:

10. Ou, também “repartes” ou “nomeias”.

T: Deixe-me retornar à casa. Será mais fácil tu carregares¹¹ o teu / como também eu o meu, se tu seguires [meu conselho]. (H 324-5, BL 320-1)

Quando Édipo insiste em que ele proclame um oráculo ou revele outras falas esclarecedoras – isto é, hipóteses, induções ou rumores (*phátis*, no verso H 327) –, Tirésias o adverte da imprudência de falar demais (pensando, obviamente, no juramento com o qual Édipo condenou-se a si mesmo):

T: O que vejo é que tua própria fala não te favorece, / e que preciso cuidar para que não me ocorra o mesmo. (BL 324-5, H 328-9)

A fala desfavorável de Édipo é, evidentemente, o juramento que condena à morte ou ao exílio o assassino de Laio. Édipo fala em nome dos suplicantes tebanos, implorando pela palavra divina e, novamente, Tirésias alerta que está guardando um mal (*kaká*) que ele compartilha com os cidadãos e com Édipo:

T: Ninguém de vocês pensa direito (*phroneit*). Eu, porém, jamais/ farei ouvir o meu, nem tampouco o teu mal (*kaká*). (H332-3, BL 328-9)

Tirésias dirige-se – no plural – aos anciãos de Tebas (e a Édipo?), acusando-os de não saberem pensar “reto” e incitando-os para que silenciem os seus males, a exemplo dele próprio, Tirésias, que mantém velados os seus. De quais males Tirésias fala? Por que ele considera a todos, o Coro e Édipo, como insensatos, loucos ou tolos? O coro não suspeita da identidade verdadeira de Édipo, nem acreditará que ele seja o assassino, nem mesmo após a revelação do vate, embora considere que somente Tirésias seja capaz de esclarecer o enigmático oráculo. Com efeito, há uma notável inconseqüência no pensamento dos anciãos, que esperam a verdade divina de Tirésias, porém não querem vê-la quando ela se revela nos sinais concretos do tempo humano. Nota-se, por exemplo, um sintomático desgosto do Coro quanto a rumores antigos que agitam a cidade. Quando os diálogos se aproximam de certos fatos do passado recente ou remoto – por exemplo, as acusações entre Édipo e Creonte girando em torno da “expulsão de um próximo parente”, o Coro evita a explicitação das palavras que nomeiam a rejeição – expulsão esta que tanto pode evocar a irada condenação de Creonte, quanto lembrar, obliquamente, o velho mal da rejeição do filho recém-nascido de Laio.

Mas Édipo insiste, censurando a traição da cidade pela retenção do saber que Tirésias se recusa a revelar. A esta censura de uma falha cívica e política, Tirésias responde friamente:

11. Cabe perguntar: carregas o que? “Teu fardo”?, “a tua coisa”?, como sugerem Jean Bollack e Trajano Vieira...?

T: Não quero te torturar nem a ti nem a mim mesmo. Por que perguntas em vão? (BL 332-3, H336-7)

Todas as respostas do vate indicam que ele não se considera externo à ação, numa posição que lhe permitiria dizer a verdade dos outros, mas que ele se sente, ele mesmo, parte e objeto de revelações que o próprio tempo trará. O silêncio dos deuses e a ausência de signos divinos reduziram o vate a um simples cidadão prudente. Como tal, ele prefere – como os outros personagens – esquecer os males do passado.

A “IRA” DOS BONS OBSERVADORES

Embora privado de signos divinos, Tirésias é um observador preciso e conseqüente – exatamente como Édipo. Dispondo de uma experiência vivida muito mais longa, o tempo lhe forneceu todos os sinais que permitem “ler” a identidade de Édipo e do oráculo que se cumpriu (parricídio e incesto). Além deste saber, ele sabe também que todos os outros habitantes poderiam ter reconhecido os signos do catastrófico retorno da criança maléfica. Mas o maléfico apareceu sob as aparências de uma desmedida sorte – a liberação da Esfinge –, o que explica o pouco interesse de investigar as causas dos fatos tristes do passado. O vate sabe, portanto, que estas verdades serão aceitas somente com o desgaste do tempo e da experiência. Édipo é o único personagem que se opõe à lentidão das revelações no longo tempo da experiência. E Tirésias, assediado por provocações cada vez mais truculentas do herói, procura reter o afã desmedido com as seguintes palavras:

T: Criticas minha ira. A tua e o que te habita tu não vês!

A palavra *orgé* é aqui entendida como uma potência autônoma que toma conta do sujeito¹², não como um movimento psíquico. Hölderlin destaca esta força quando comenta, nas suas *Observações sobre Édipo*, “a maravilhosa curiosidade irada...”¹³ Logo em seguida, ambos, Tirésias e Édipo, serão tomados pelo mesmo furor, por uma exorbitância da visão e do entendimento. Diferentemente dos outros habitantes do palácio, eles se orgulham de vir a abranger a verdade do todo; não se contentam com a compreensão pontual dos fragmentos isolados que a memória humana costuma guardar, selecionando os detalhes favoráveis e concedendo-lhes peso privilegiado.

12. Cf. Jean Bollack, *König Oedipus, Übersetzung Kommentar und Text* (vol.2), Frankfurt am Main, Insel Verlag, 2 vols. 1997, pp. 152-160.

13. F. Hölderlin, *loc. cit.*, p. 258; trad. K. Rosenfield, *Antígona – de Sófocles a Hölderlin*, Porto Alegre, L&PM, 2000, p. 389.

Seguindo a indicação de Hölderlin que vê neste afã da “adivinhação” (*Ahnung*) um misto de inspiração (divina) e de faro (selvagem e animal) do herói, chega-se à impressão que Sófocles radicalizou nesta peça sua tendência de atenuar ou apagar as mensagens divinas, transferindo o saber e as decisões sobre-humanos para a trama das ações e decisões humanas. O Tirésias de Édipo Rei não intervém mais como detentor de uma palavra sagrada à qual somente ele teria acesso, mas como um ser humano que atíça em Édipo a potência de saber o que ele tem em comum com os outros homens. É interessante observar como o vate, no início do diálogo (H 320 – 337), reivindicava vigorosamente o direito à preocupação com seus interesses humanos e recomenda a Édipo fazer o mesmo. É contra este impedimento que o herói se opõe violentamente. Nas suas Observações sobre Édipo, Hölderlin comenta a paradoxal inversão dos papéis do rei e do vate:

“Por isto, no diálogo seguinte com Tirésias, a maravilhosa curiosidade irada, porque o saber, quando rompeu sua fronteira, se atíça, como inebriado na sua esplêndida forma harmoniosa, que, por enquanto, ainda pode subsistir, [o saber se atíça] a si mesmo, para saber mais do que pode carregar ou conter.

Por isto, na cena com Creonte, logo após, a suspeita, porque o pensamento indomado¹⁴ e carregado pelo peso de segredos tristes torna-se inseguro, e [porque] o espírito fiel metucioso¹⁵ sofre na desmedida irada, a qual, alegre de destruir, apenas segue o tempo torrencial.”

Tirésias – como os outros cidadãos de Tebas – preferiria permanecer passivo, aguardando que o tempo faça, ele mesmo, as revelações necessárias. Édipo ao contrário, procura forçar a lenta progressão do tempo humano a precipitar-se no vórtice de um outro Tempo, no “tempo torrencial” da presença divina que acelera a sucessão banal e faz aparecer a repentina copresença de todos os instantes (que normalmente permanecem espalhados nas longas séries sucessivas das experiências).

Édipo censura na atitude de Tirésias a ausência de sentimentos que demonstrem o sentido do humano – aquele sentimento que Aristóteles chama de *philánthron*, opondo-o ao terror e à piedade trágicos¹⁶. É este reproche, precisamente, que provoca a virada do diálogo. Édipo acusa o vate de ser frio, duro e cruel como as rochas – metáfora essa que designa o grau máximo de indiferença desumana no imaginário grego. E é com iras frias que Tirésias lhe devolve a enigmática sentença segundo a qual Édipo seria, ele mesmo, a poluição do país – e o herói, incapaz de compreender o enigma, responde acusando o vate de tentar fugir do assunto com acusações infundadas que

14. Hölderlin, *loc. cit.*, traduz *unbändig*, isto é, resistente ao bridão.

15. Quem sabe, dever-se-ia precisar: ‘metucioso **em relação ao saber adivinhado**’. O adjetivo *gewiss* significa ‘seguro’, porém mantém uma relação etimológica com o ‘saber’ (Wissen).

16. Aristóteles, *Poét.* Cap. 13: 52 b 38, 53 a 2 e cap. 18, 56 a 21.

visariam ofuscar sua vergonhosa falta de espírito cívico. Neste momento, Tirésias reage de modo paradoxal, confirmando a acusação de Édipo:

“Fugi [mesmo]. Nutro (*trépho*) o verdadeiro (*talethés*, o não-esquecido) como força eficaz.” (H 360)

A frase adquire pleno sentido para quem vê a analogia do movimento: da mesma forma que Tirésias se orgulha de estar fora do alcance de Édipo, também o pastor obteve seu desejo de ir para longe e de continuar não sendo visto pelo novo rei e pela cidade (*pleiston... apoptos asteôs*). Tirésias e a única testemunha do assassinato de Laio desejaram o mesmo ao ver o palácio de Tebas ocupado por Édipo. Ambos permaneceram afastados, nutrindo o não-esquecido, isto é, observando os estigmas inesquecíveis que traem a identidade da criança exposta. Édipo não entende a indireta e continua denunciando a impotência profética de Tirésias:

“[Foste] Ensinado por quem? Pois com certeza não é pela tua arte [que tu falas assim]” (H 361)

Ao que Tirésias responde com inteira simplicidade:

T: “[fui ensinado] Por ti (*pròs sou*). Pois contra minha vontade tu me atçaste a reunir signos (*proutrépso légein*)” (H 362).

Tirésias, lendo os sinais da experiência humana, reconheceu não somente Édipo, mas percebeu também a ausência de signos divinos. Nada lhe restou a fazer a não ser recolher-se na passividade dos homens condenados a aprenderem o destino *ex post facto* – sem saber de antemão se o retorno do filho exposto tem, como nas lendas, o sentido da inversão do malefício em benefício¹⁷.

Em outras palavras, Tirésias procedeu exatamente como Édipo: ambos se apóiam na leitura dos signos disponíveis para todos os homens no espaço e no tempo da experiência empírica. O que distingue Tirésias (e Édipo!) não são dotes especiais ou técnicas sagradas, mas a capacidade de ver e observar diferentemente os signos que surgiram desde a morte do velho rei Laio e a chegada do “estranho” em Tebas. Ao longo do diálogo, os dois protagonistas aparecem como um duplo, concorrendo na mesma tarefa de desvendamento. A única diferença é a vantagem temporal que tem Tirésias – não qualquer dom profético, nem a inspiração divina que Sófocles eliminou completamente desta peça. Tirésias vê mais rápido quem é Édipo, somente porque conhece as

17. Cf. Marie Delcourt, *Oedipe ou La légende du conquérant*, Paris, Les Belles Lettres, 1981, p. 35 e todo o capítulo sobre o *pharmakós* e o imaginário das ordálias (pp. 29 – 43). A sobrevida da criança exposta e seu retorno comprovam no imaginário mítico o potencial salvador da criança exposta

peessoas, os acontecimentos e as ações desde o nascimento do filho de Laio e assim dispõe de mais elementos para montar o quebra-cabeça de Édipo.

Quando o diálogo descamba para agressões, Tirésias ironiza cruelmente a limitação da visão de Édipo – visão esta na qual aparece, de forma acentuada a falha de seu próprio olhar, igualmente incapaz de prever e evitar as nefastas conseqüências das ações do passado. O próprio vidente soube “adivinhar” a identidade de Édipo tão somente após o fatal encontro do pai e do filho; seu saber repousa sobre deduções e inferências possíveis *ex post facto*, embora Tirésias deboche agora da incapacidade de Édipo em saber “antes”:

T: Não entendeste antes (*ksynêkas prósthen*)? Ou tentas extrair o dito/a leitura/a montagem através de mim? (H 364, Bl 360: *synékhô*, reunir-se em um ponto)

Synékhô prósthen, compreender antes, adquire aqui o sentido do saber encaixar os sinais, de forma que o conjunto dos indícios se reúne em um ponto (*synékhô*). O trocadilho alfineta a incapacidade de prever e antecipar tão característica dos mortais – em particular daqueles que foram privados do conhecimento de sua origem e filiação. O escárnio de Tirésias diante de Édipo é o modelo do escárnio de Hamlet diante das sondagens de Rosenkrantz e Guildenstern: reconhecimento amargo das inevitáveis derrotas que sofrem a experiência e o conhecimento positivo – pelo fato de ocorrerem na vagarosa sucessão do tempo físico.

Tirésias lança um escárnio frio contra a impotência de seu adversário que, orgulhoso de seus talentos, não vê que estes esbarram na temporária ignorância de fatos que o passar do tempo revelara para aqueles que vivem para vê-lo passar. Este é, aliás, o único privilégio de Tirésias que acompanha a triste história de Tebas desde a fundação, sem poder evitar os miasmas e a destruição. Há, portanto, um sarcasmo quase auto-irônico no deboche lançado contra a cegueira de Édipo, cujo saber depende menos de vates do que do tempo e da experiência que ensinarão como reunir (*synékhô*) os elementos que revelarão a verdade.

É tão somente a lentidão que distingue a visão humana da “vidência” divina. Eis o que torna ridículo e tocante o orgulho de saber investigar que se esgota no labirinto de inferências, derrotando o otimismo triunfal do herói pelo tempo que antecipou ou que o herói pretendeu evitar. O rei e o vate se igualam como criaturas sujeitas aos ensinamentos do tempo, ambos carentes de signos divinos, ambos despojados dos dotes proféticos que Prometeu (“O-que-sabe-antes”) herdou das divindades das origens¹⁸. O Titã de Ésquilo dispõe de um saber cósmico e de uma esperança divina que Sófocles reduz a dimensões

18. O saber de Prometeu poupa a Zeus o destino de ser destronado pelo filho que poderia ter tido com Tétis.

bem mais terrenas¹⁹. Não somente Édipo aparece grandioso e ridículo, Tirésias tenta ocultar o mesmo ridículo: incapaz de prever, ele falhou em salvar o trono de Laio. Suas meias-revelações diante de Édipo misturam nas frases enigmáticas o pesar da derrota e o orgulho do acerto (a primeira previsão que motivou a exposição de Édipo revelou-se verdadeira):

T: Nós te parecemos (nascidos) (*éphymen*) loucos/tolos (*môroi*), mas aos pais que te conceberam (*éphysan*) [parecíamos] sábios (*émphrones*). (H 441)

Injuriado como louco/tolo (*môros*) por Édipo, Tirésias vinga-se mencionando a maior inquietude de Édipo. Seu trunfo é o de ter vivido para conhecer o que Édipo desconhece – os pais. Esquecendo sua altivez orgulhosa e a confiança de saber ler os signos, o herói volta a pedir “revelações” do vate:

É: “Quem são? Espere. Quem entre os mortais me concebeu (*ekphýei*)?” (H 443)

Alfinetando o abalo que Édipo sente diante do desconhecimento daqueles que nasceram para “saber depois” (como Epimeteu), Tirésias profere as palavras que constituem um vaticínio plenamente humano, isto é, a verdade como *alétheia*, revelação daquilo que a memória humana tende a esquecer. Sua resposta substitui o nome do pai pela imagem do tempo a:

T: Este dia te conceberá e te destruirá (*phýsei... diaphtherei* H 444)

Com efeito, na vida de Édipo, reduzido a uma mera criatura pelo gesto da expulsão que permanece, indelével, inscrito nos pés do herói, não há pais, mas apenas o tempo/dia que gerou (e continuará gerando) o que há de mais autêntico e humano. Nada resta a vaticinar numa cidade na qual o incesto faz coincidir o tempo da criação e da destruição. O silêncio dos deuses, a ausência de signos divinos falam por si só do caos irremediável no qual mergulha a cidade e o herói “órfãos” – carentes das benesses metafísicas de uma ordem (divina ou humana) dada independentemente das ações e dos acontecimentos no tempo.

19. Cf. Francisco Marshall, *Édipo Tirano: a tragédia do saber*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UNB-UFRGS, 2000, p. 154 e B. Knox, *The Heroic Temper*, University of California Press, 1966, p. 49, assinalam a correspondência entre o *Prometeu acorrentado* de Ésquilo e *Édipo Tirano*. Embora o sofrimento aproxime o grande *trickster* da condição humana, sua obstinação apóia-se num segredo oracular que lhe permite saber de antemão (isto é, antes dos malefícios ocorrerem) o futuro de Zeus. Sua orgulhosa obstinação contra Zeus terá um desfecho feliz, porque seu saber secreto permite antecipar e evitar as nefastas conseqüências do desejo e esta manipulação sobre-humana do segredo lhe garante a liberação num futuro longínquo. Todo este contexto sobre-humano que Ésquilo montará para o seu *Prometeu acorrentado* é totalmente alterado em Sófocles.

Hölderlin refere-se a este problema da carência do “sagrado” e da perda de transcendência do humano que marcam as grandes catástrofes espirituais. Antecipando o rastreamento das relações dinâmicas das representações (hoje consagrado pelo estruturalismo), Hölderlin encontrou uma fórmula precisa para delimitar o núcleo para o qual convergem todos os miasmas tebanos. Ele vê a carência moral radical naquilo que o estruturalismo chamaria de disjunção extrema na qual persiste somente a forma de uma possível comunicação entre homens e deuses (isto é, a forma da ordem regrada que nós chamaríamos de coesão ética). Este estado de total falência, ele o capta na imagem do ócio vazio, do tempo que escorre sem realizações relevantes, portanto sem ritmo de feitos e repousos heróicos:

“tempo ocioso (vazio), em que o deus e o homem se comunicam na forma todo-esquecida da infidelidade, [...] pois a infidelidade divina é a coisa mais fácil de lembrar.”²⁰

Tebas foi abandonada pelos deuses porque se deixou mergulhar na *lethé*. Os protagonistas – de Laio, Jocasta e Creonte ao Coro e Tirésias – abandonaram-se ao esquecimento do memorável e do abjeto que sustentam a ordem sagrada da cidade. Em Hesíodo e Homero a função sagrada da memória aparece nos preâmbulos. Seus louvores atribuem ao dom divino da memória inspirada a capacidade de dizer (e fazer acontecer) os bons ritmos das estações, de sementeiras e colheitas felizes, da sucessão regrada das gerações que se transmitem, uma à outra, o poder e o governo moldado sobre a reta ordem do tempo. Desmentindo este horizonte mítico, a Tebas de Laio e Édipo vive no total abandono de qualquer inspiração ordenadora. Os sinais patentes deste abandono são a falta de um sucessor na casa real, a Esfinge devoradora dos jovens e a peste que esteriliza a vida biológica e a moral²¹.

O único que se opõe ao esquecimento e ao mergulho na mera vida criatural (que Odisseu viu nos seus companheiros enfeitiçados por Circe, ou no país dos comedores de Lótus) é Édipo – o recém-chegado que menos sabe da cidade. Por menos que ele saiba, entretanto, ele persegue todos as suspeitas e intuições que sua sensibilidade alerta adivinha nos sinais e nos rumores. Tirésias, ao contrário, alimenta o esquecimento. Como Creonte e Jocasta, o Coro e o pastor, também ele cala as lembranças, silenciando os indícios que permitiriam rastrear o encadeamento e as causas dos infortúnios de Tebas. Édipo tem, portanto, perfeitamente razão quando considera Tirésias como um traidor. No sentido mais rigoroso e ético da palavra, sua ambivalência e as proclamações que misturam pensamentos profanos com a aura do divino o

20. F. Hölderlin, *loc. cit.*, p. 258.

21. Não é um acaso que o primeiro canto coral mencione os corpos insepultos que jazem sobre a terra – imagem da indolência e da apatia moral.

tornam infiel tanto a sua função de vate, como aos seus compromissos como cidadão.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTOTE. *La Poétique*, Paris, Seuil, 1980.
- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec – Français*, Paris, Hachette, 1950.
- BOLLACK, J. *König Oedipus, Übersetzung Kommentar und Text (vol.2)*, Frankfurt am Main, Insel Verlag, 2 vols., 1997.
- DELCOURT, M. *Oedipe ou La légende du conquérant*, Paris, Les Belles Lettres, 1981.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*, Tübingen, Niemeyer, 1984.
- HÖLDERLIN, F. *Sämtliche Werke*, Frankfurter Ausgabe, 18 vols., Stromfeld/Roter Stern, 1988; *Oedipus der Tyrann*, vol. 16.
- KNOX, B. *The Heroic Temper*, University of California Press, 1966.
- MARSHALL, F. *Edipo Tirano: A tragédia do saber*, Porto Alegre, Ed. Universidade, UNB-UFRGS, 2000.
- ROSENFELD, K. *Antígona – de Sófocles a Hölderlin*, Porto Alegre, L&PM, 2000.
- SOPHOCLE, *Oedipe Roi*, trad. Paul Mazon, Paris, Les Belles Lettres, 1985.
- SEGAL, C. *Oedipus Tyrannus, Tragic Heroism and the Limits of Knowledge*, Oxford University Press, 2001.
- _____. *La musique du Sphinx*, Paris, Éditions la découverte, 1989.